

Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP
Matéria: CS106 – Métodos e Técnicas de Pesquisa e de Desenvolvimento de Produtos em
Midialogia
Docente: José Armando Valente
Discente: Mona Vicente
RA: 174920

Os filmes exploitation e suas influências na sociedade estadunidense e no cinema moderno

RESUMO

Este artigo pretende identificar como os filmes do gênero exploitation fazem parte da sociedade estadunidense, desde a década de 1930 até atualmente. Com esse objetivo em mente, comparei as principais características dos cartazes dos longas-metragens de mesmo gênero de várias décadas diferentes, apontando as influências que os mais recentes receberam dos primeiros filmes considerados exploitation, e consegui traçar uma linha do tempo da trajetória desse gênero acompanhando as mudanças da sociedade dos Estados Unidos, até anos mais recentes, quando Hollywood incorporou muitas características desses filmes que antes eram marginalizados e considerados impróprios às massas.

PALAVRAS-CHAVE

Cinema; grindhouse; violência; exageros; gênero; Grande Depressão.

INTRODUÇÃO

Filmes de terror nunca chegaram a ser muito apreciados por mim. O objetivo deles é deixar o espectador assustado ou com medo, e é raro eu ter esses sentimentos enquanto assisto. Eu sempre penso que é tolice tentar fazer o filme parecer verdadeiro e perto da nossa realidade sendo que possuíam temas absurdos, como zombies, vampiros ou padres exorcistas. Por isso, quando conheci os filmes exploitation me interessei profundamente pelo conceito desse gênero. O que é, então, um filme chamado de exploitation? Segundo o cineasta David F. Friedman:

The essence of exploitation was any subject that was forbidden: miscegenation, abortion, unwed motherhood, venereal disease... All those subjects were fair game for the exploiter –as long as it was in bad taste! The technical definition of exploitation movies is cheaply made pictures distributed by roadshowmen or by local independents called states'-righters. A major studio was opening, in those days [the 1930s and 1940s], 400 prints. An exploitation picture never had more than 15 or 20, and they moved around from territory to territory....

They often leased the theater (now called four-wallings), and once they paid the exhibitor and put their own cashier in the booth, they could do anything they wanted. (FRIEDMAN, 1986).

Outra definição é de Eric Schaefer, o autor da principal obra literária sobre esse assunto, o livro “Bold! Daring! Shocking! True – A History of Exploitation Films”:

The term exploitation film is derived from the practice of exploitation, advertising or promotional techniques that went over and above typical posters, trailers, and newspaper ads. Exploitation producers conceded that because their films lacked identifiable stars or the recognition provided by conventional genres, they needed an extra edge to be “put over” with audiences. A kind of carnivalesque ballyhoo became integral to their success. During the postwar years, the designation of exploitation film was gradually expanded to include almost any low-budget movie with a topical bent. (SCHAEFER, 1999, p. 4)

São, portanto, filmes que exploram o absurdo, qualquer que seja o tema, geralmente feitos por cineastas independentes com um orçamento muito pequeno, se comparado ao de grandes estúdios, e não procuram a aproximação com a realidade. O atrativo dos exploitations é exatamente o exagero, já que não possuem dinheiro nem apoio suficiente para ter atores famosos no elenco ou para efeitos especiais de qualidade. Esses longas-metragens de mau gosto são tão antigos quanto o próprio cinema, mas afloraram principalmente na época do original Motion Picture Code, os códigos de moral aplicados nos filmes estadunidenses entre os anos de 1930 e 1968. (FRIEDMAN, 1986).

Eram exibidos em cinemas nada convencionais, os Grindhouse Movies, com entradas extremamente baratas que valiam por vários filmes, todos exibidos no mesmo dia. Eram locais típicos de Nova York, mais especificamente da 42nd Street na Times Square, onde pessoas, quebradas pela crise econômica de 1929, a maior do capitalismo até o momento, e sem esperança de uma vida melhor se afundavam em drogas, bebidas, brigas, sexo e assistiam a shows de strip-tease entre as exibições dos filmes que nunca passariam pela censura da época. (CHURCH, 2011, p. 2).

Os filmes exploitation eram usados como uma forma de escapismo, para distrair quem sofria com a crise econômica que assolava os Estados Unidos da América. Por isso seus temas eram o mais distante da realidade possível, explorando a imaginação e o “estômago” dos frequentadores dos cinemas grindhouse. David Church, em seu artigo sobre esses lugares, diz sobre a dificuldade dos cinemas comuns da época comparada ao sucesso dos grindhouses: “it is clear that grind houses posed potential economic threats to normative exhibition practices, which would become more apparent when theaters were forced to change tactics for survival during the Depression” (CHURCH, 2011, p. 4).

Esses depravados longas-metragens inspiraram grandes diretores, entre eles o consagrado Quentin Tarantino, e tiveram uma participação fundamental na sociedade estadunidense desde

sua propagação, na década de 1930, até hoje em dia, quando servem de base para diversos gêneros de filmes.

Nesse artigo, pretendo entender a maneira como os filmes do gênero exploitation interagiam com seu público estadunidense, a partir da década de 1930, e como isso refletiu no cinema contemporâneo. Se os filmes exploitation tinham que ser exibidos em locais escondidos, fugindo da censura, como conseguiam atrair o público desejado? Como os apelos feitos pelos filmes atingiam esse público bem específico? E quais as características desse gênero da época da Grande Depressão influenciaram e são reproduzidas nos filmes atuais?

METODOLOGIA

Minha pesquisa foi qualitativa e documentada, realizada através de bibliografias, encontradas na internet.

Primeiro, assisti e analisei *American Grindhouse* (2010), dirigido e produzido por Elijah Drenner, dá uma ampla visão do universo dos filmes exploitation, relatando desde quando começaram a ganhar espaço nos cinemas, por volta das décadas de 1920 e 1930, até os dias atuais. Retirei as informações que julguei mais importante para os objetivos do artigo, seguindo o andamento do documentário. Com base nos dados colhidos, descrevi como os filmes exploitation se comportavam conforme a época em que se encontravam. Por exemplo, quando passaram a serem exibidos em cinemas grindhouses na época em que os cinemas comuns não podiam mais aceitar cenas consideradas imorais, por causa da censura.

Depois, recolhi alguns posters de filmes do gênero exploitation que foram lançados nas décadas de 1930, 1970 e mais recentemente nos anos 2000 e que foram citados no documentário *American Grindhouse*. Por fim, analisei os pontos comuns entre eles, ou seja, as características dos cartazes que não mudaram durante os anos, e descrevi como essas publicidades apelavam (e apelam, no caso dos filmes atuais) para o público alvo. Lista dos filmes que tiveram sua publicidade analisada:

- *Freaks* (FREACKS, 1932);
- *Child Bride* (CHILD BRIDE, 1938);
- *Blood Feast* (BLOOD FEAST, 1963);
- *The Last House on the Left* (THE LAST HOUSE ON THE LEFT, 1972);
- *The Last House on the Left* (THE LAST HOUSE ON THE LEFT, 2009);
- *Planet Terror* (PLANET TERROR, 2007).

ANÁLISES E RESULTADOS

A linha do tempo dos filmes de gênero exploitation segundo o documentário *American Grindhouse* (AMERICAN GRINDHOUSE, 2010)

No final do século XIX, o cinema era uma novidade, e Thomas Edison era um dos nomes que estavam inseridos nesse contexto de descobertas das possibilidades que eram trazidas com as novas câmeras, e muitos espectadores achavam cenas dos seus novos filmes um tanto “perturbadoras” e “exageradas”. Na época, porém, não havia tipo algum de regulamentação ou censura, afinal, eram as primeiras imagens a serem gravadas da história.

No documentário há uma entrevista com o historiador do cinema Eddie Muller sobre

as origens dos filmes exploitation: “Now that we have a way to make a permanent record of all this, what is it that we want record? And by large what they wanted to record was stuff that was taboo.” (MULLER, 2010) O que Muller está defendendo em sua afirmação é que é natural do ser humano querer ver aquilo que era considerado “imoral”, e o cinema deu a chance de isso acontecer.

Na transição entre o cinema mudo para o sonoro, entre o final da década de 1920 e o começo da década de 1930, o gênero se disseminou rapidamente, surgindo um grande número de novos filmes. Em *American Grindhouse*, Kim Morgan, uma historiadora do cinema, é entrevistada e mostra sua opinião sobre essa época:

To me, I mean, they are not really like exploitation films. To me, they are sort of realistic picture of what was going on in American life, because people were really screwed up. People wanted to see these things on camera, they wanted to see sex, they wanted see violence, they wanted to see drugs. (MORGAN, 2010)

Ela está se referindo à grande dificuldade econômica que os cidadãos norte-americanos passavam por aquela época, ou seja, a crise do capitalismo de 1929. O cinema continuava sem regulamentação e censura, e as pessoas estavam perdendo dinheiro e, conseqüentemente, não podiam mais gastar com lazer. Portanto, os estúdios existentes faziam filmes que acompanhassem essa fase, e mostravam tudo que havia de mais absurdo, nudez, violência, mortes, com muitos exageros, para tentar atrair o público aos cinemas. Além disso, os gastos com os efeitos especiais eram muito baixos, proporcionando um barateamento nos ingressos, ou seja, mais um incentivo para a população que sofria da Grande Depressão. Acontece, nesse período, a popularização dos filmes exploitation.

Os filmes dessa época eram chamados de “Pre-Code”, já que o Motion Picture Production Code, que regulamentava a censura dos filmes, não tinha sido criado. Em 1930 nasce esse código, com uma lista de proibições que não poderiam aparecer nas telas, o que, até então, significava o fim dos filmes depravados. O que aconteceu, porém, foi a marginalização dos filmes exploitation. De acordo com o documentário, foi quando a definição de exploitation conhecida atualmente foi estabelecida, pois os estúdios de Hollywood não mais podiam fazer esse tipo de longa-metragem. Assim, os cineastas independentes, sem quase nenhum orçamento, começaram a fazer suas próprias produções e as exibir em locais escondidos, fugindo da legislação e de cinemas comuns. “The exploitation filmmakers, they weren’t showing in Hollywood owned theaters, they existed completely outside the law” (MULLER, 2010).

A palavra “grindhouse” surge no documentário pela primeira vez, indicando que foi nessa época, quando a censura ficou rígida e os cineastas tentavam driblar o Motion Picture Production Code, que começam a exibição nesses lugares, que anteriormente eram basicamente clubes de strip-tease. No entanto, foi quando os problemas de atração de espectadores começaram. Como fazer para as pessoas acharem e assistirem aos filmes?

Primeiramente, há o conteúdo, quanto mais exagero, mais absurdos e mais taboos, melhor. Os filmes tinham cada vez mais temas que chocavam e despertavam a curiosidade do espectador, e faziam o público pensar “por que ir a um cinema convencional se eu posso

pagar menos e assistir a coisas mais interessantes?”. Portanto, outro aspecto que servia como imã eram os preços baixos, já que os cineastas que faziam exploitation não gastavam com atores famosos nem com efeitos especiais de qualidade.

O documentário ainda cita alguns filmes que se diziam serem educacionais. Mostravam jovens “pecando”, no mundo das drogas e sexo desenfreado, e mulheres parindo de ângulos explícitos, e utilizavam a desculpa de que estavam ensinando algo ao público. No primeiro caso, era um alerta à audiência sobre o que seus filhos adolescentes poderiam estar fazendo, e, no segundo caso, era apenas um “acontecimento natural”. Além desses, também havia filmes falando e mostrando imagens chocantes de DSTs.

American Grindhouse, após discutir os três motivos citados acima que levavam o público aos grindhouses, mostra uma lista de filmes que fez muito sucesso mesmo na época do Motion Picture Production Code, que vai de 1930 até 1968 (AMERICAN GRINDHOUSE, 2010). Após a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos não sofriam mais com a crise, a economia estava estável e boa. A censura, por sua vez, estava suavizando e isso encoraja os grandes estúdios hollywoodianos a tentar filmes com temáticas mais ousadas. Depois de um tempo de aparecimentos de diferentes tipos de gêneros nos grandes cinemas, surgem os blockbusters, mais especificamente a partir de *Jaws* (JAWS, 1975), quando Hollywood incorpora exploitation oficialmente.

Posters

Como foi explicitado na metodologia, separei uma lista de seis filmes que se encaixam no gênero de exploitation e foram feitos entre os anos de 1932 e 2007. Ao escolher esses longas-metragens, citados pelo documentário *American Grindhouse*, dentre os milhares produzidos durante esse período, eu estava apreensiva de que não conseguiria achar características em comum em suas publicidades, afinal, são mais de 70 anos de diferença entre o primeiro e o último. Entretanto, há convenções, algumas até óbvias, que aparecem nos posters que permitem serem agrupados numa mesma categoria. E, consequentemente, é possível dizer que os filmes mais novos se inspiraram nos mais antigos.

Ao olhar para um pôster de um filme, sempre terá uma imagem central que chamará a atenção dos olhos do observador antes de tudo. Analisando os posters que eu escolhi, percebi que todos tinham essa imagem já mostrando o que seria explorado no filme. O outro elemento mais notável são os títulos, todos em grande destaque, às vezes com cores chamativas ou com fontes exuberantes. São todos simples e de fácil memorização, já que, até pouco tempo, não havia lugar onde procurar pelas informações dos novos filmes, então as pessoas tinham que se lembrar dos posters ou dos trailers exibidos apenas nos cinemas. Esses são as coisas mais chamativas nos cartazes, mas há outros elementos que podem ser notados que todos tem em comum, como, por exemplo, um slogan que passa a ideia geral do filme e instiga a curiosidade do observador.

Abaixo estão as análises individuais de cada pôster.

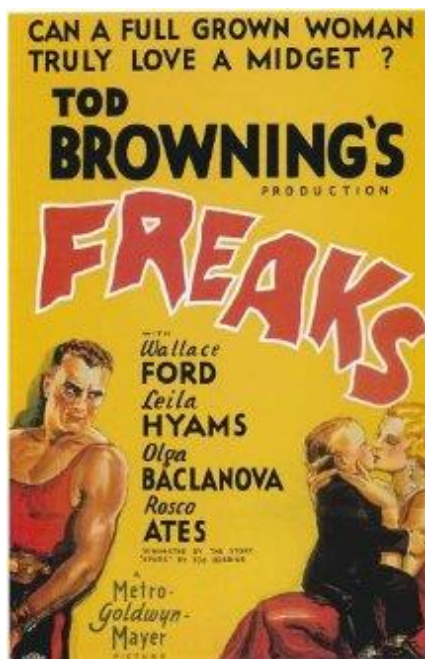


Figura 1: Poster de *Freaks* (FREAKS, 1932)

Fonte: http://www.imdb.com/title/tt0022913/?ref_=ttmi_tt

Vejamos a Figura 1. O nome do diretor aparece quase tão grande quanto o título, uma raridade nos filmes exploitation, pois quase nunca há pessoas famosas envolvidas na produção. Além do título e o nome de Browning, o que mais chama atenção no pôster são as personagens que protagonizam o filme. Rapidamente notamos que a imagem mostra uma relação de uma mulher “normal” com um anão, portanto o público consegue deduzir que a temática é centrada em deformações físicas. Também é possível perceber que se passa num circo, observando as roupas do homem que ocupa o outro canto da imagem, porém é algo perceptível apenas se observado com mais atenção. O que realmente chama atenção, nesse caso, é a estatura diferenciada entre os protagonistas. Uma frase discreta acima das principais figuras explica a ideia geral do filme.

O mesmo acontece com o pôster de *Child Bride*, o título é o principal atrativo e a imagem principal mostra o que o público pode esperar ver no filme. Na Figura 2, uma jovem com uma expressão apavorada, com algemas e apenas um pano cobrindo seu corpo nu, sugere a temática sexual. Também há a imagem superior de um homem assustador e inferior deste mesmo numa posição opressora sobre a personagem feminina. Essas imagens secundárias serviriam tanto como confirmação do tema que explorará o sexo quanto acrescentariam que o ato seria realizado com violência e a moça, apenas uma criança, assumira a posição de submissão. As frases que tem a intenção de despertar a curiosidade do observador também estão presentes. *Child Bride* era um dos filmes que tentou se passar por educativo para passar pelas exigências do Code, pois dizia que falava sobre o problema de meninas casando com homens mais velhos. A estratégia, porém, não funcionou e o filme foi censurado.



Figura 2: Poster de *Child Bride* (CHILD BRIDE, 1938)

Fonte: <http://bmoviefilmvault.com/radiationscarredreviews/wp-content/uploads/2014/09/child-bride-movie-poster-1938-1020197250.jpg>



Na Figura 5, eu quis pegar para análise o pôster do remake do filme de 1972 de mesmo título com o propósito de mostrar a clara influência que os famosos filmes exploitation de épocas passadas exercem nas produções atuais. Primeiramente, o título e a história foram mantidos as mesmas. A publicidade, no entanto, mudou consideravelmente e tomou uma forma mais minimalista, exigida pelo público moderno, que não se atrai mais pelas convenções dos posters da época. No entanto, há pontos de convergência entre este e as outras imagens já analisadas: o título chamativo com o papel central; o slogan com a principal ideia do filme; a completa falta de cores, com exceção do vívido vermelho que atrai os olhos do observador para o centro, ou seja, para o nome do longa.

Figura 5: Poster de *The Last House on the Left* (THE LAST HOUSE ON THE LEFT, 2009)

Fonte: <http://www.imdb.com/title/tt0844708/>

Por último, temos uma obra-prima do exploitation recente, *Planet Terror*, dirigido por Roberto Rodrigues e Quentin Tarantino, provavelmente os dois cineastas mais influenciados pelo gênero da atualidade. O pôster mostrado na Figura 6 segue praticamente todas as convenções de uma publicidade de um exploitation antigo: o título chamativo; a figura principal explicitando o que será explorado no filme, no caso é a sexualização da mulher, violência envolvendo armas e zombies, dizendo ao público que é um filme híbrido, ou seja, com mais de um gênero (ação e terror). Há, também, a grande utilização do vermelho, uma ideia de que terá “gore”, e o slogan chamativo incitando a vontade do observador de assistir ao filme.



Figura 6: Poster de *Planet Terror* (PLANET TERROR, 2007)

Fonte: <http://www.imdb.com/title/tt1077258/>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizadas as análises do documentário e dos posters, além das consultas nas outras bibliografias, eu pude cumprir com o objetivo que almejei no começo do artigo. Consegui

traçar uma linha do tempo dos filmes exploitation, desde a década de 1930, acompanhando a sua trajetória, através das interações com a sociedade estadunidense, até se fundir com os filmes hollywoodianos atuais que arrecadam milhões de dólares nos cinemas. Pude entender como a situação econômica do país repercutia nas produções cinematográficas e como isso foi acabar criando um gênero totalmente novo e que tem fãs no mundo todo até hoje.

As análises dos posters revelaram muitos pontos em comum dos apelos feitos ao público da época da Grande Depressão com os das décadas posteriores, indicando a forte influência que os sucessos antigos ainda exercem sobre as produções atuais.

Encontrei dificuldades para achar os materiais que seriam analisados porque, no Brasil, os filmes exploitation ou grindhouses são poucos conhecidos, já que são muito inseridos na cultura norte-americana. Em contrapartida, tive facilidade com as análises já que há muito tempo sou fã desse gênero e conheço bem suas características e os cineastas que se inspiraram neles.

O assunto tratado é extremamente amplo e pouco explorado, especialmente no Brasil, e poderia render inúmeros trabalhos. Este artigo é breve demais para abordar todos os tópicos que eu tenho vontade sobre o gênero exploitation, mas tenho varias ideias para continuar a pesquisa, como explorar os subgêneros (alguns destes são o blaxploitation, bikexploitation, os filmes de artes marciais e o spaghetti western) e o exploitation brasileiro (por exemplo, o Zé do Caixão).

REFERÊNCIAS

AMERICAN Grindhouse. Direção de Elijah Drenner. Produção de Jeff Broadstreet, Dan Greene, Ingo Jucht e Calum Wadell. Estados Unidos: Lux Digital Pictures e End Films, 2010. (80 min.), DVD, son., color.

BLOOD Feast. Direção de Herschell Gordon Lewis. Produção de David F. Friedman, Stanford S. Kohlberg e Herschell Gordon Lewis. Miami: Friedman-lewis Productions, 1963. (67 min.), son., color.

BROWNING, Tod. **Freaks Poster.** 1932. Disponível em:
<http://www.imdb.com/title/tt0022913/?ref_=ttmi_tt>. Acesso em: 01 abr. 2015.

CHILD Bride. Direção de Harry Revier. Produção de Lloyd Friedgen e Raymond Friedgen. [s.i.]: Mack Enterprises, 1938. (62 min.), son., P&B.

CHURCH, David. **From Exhibition to Genre.** *Academia.edu*, Austin, TX, No. 4, 2011. Disponível em:
<https://www.academia.edu/6632128/From_Exhibition_to_Genre_The_Case_of_Grind-House_Films>. Acessado em: 01/04/2015.

CRAVEN, Wes. **The Last House on the Left Poster.** 1972. Disponível em:
<<https://cenobiteme.files.wordpress.com/2011/04/last-house-on-the-left1.jpg>>. Acesso em: 01 abr. 2015.

FREAKS. Direção de Tod Browning. Produção de Dwain Esper, Harry Rapf, Hildegard Stodie e Irving Thalberg. Culver City: Metro-goldwyn-mayer, 1932. (64 min.), son., P&B.

FRIEDGEN, Raymond. **Child Bride Poster.** 1938. Disponível em:
<<http://bmoviefilmvault.com/radiationscarredreviews/wp-content/uploads/2014/09/child-bride-movie-poster-1938-1020197250.jpg>>. Acesso em: 01 abr. 2015.

FRIEDMAN, David F. “Wages of Sin: An Interview with David F. Friedman”: depoimento. [Agosto de 1986]. Estados Unidos: em vídeo. Entrevista concedida a David Chute. Disponível no livro “Bold! Daring! Shocking! True!”: A History of Exploitation Films, 1919-1959” de Eric Schaefer.

JAWS. Direção de Steven Spielberg. Produção de David Brown e Richard D. Zanuck. Los Angeles: Universal Home Video, 1975. (124 min.), son., color.

ILIADIS, Dennis. **The Last House on the Left Poster.** 2009. Disponível em:
<<http://www.imdb.com/title/tt0844708/>>. Acesso em: 01 abr. 2015.

LEWIS, Herschell. **Blood Feast Poster.** 1963. Disponível em:
<<http://images.moviepostershop.com/blood-feast-movie-poster-1963-1020199009.jpg>>. Acesso em: 01 abr. 2015.

PLANET Terror. Direção de Robert Rodriguez. Produção de Robert Rodriguez, Quentin Tarantino e Elizabeth Avellan. Usa: Rodriguez International Pictures; Troublemaker Studios, 2007. (106 min.), son., color.

RODRIGUES, Roberto. **Planet Terror Poster.** 2007. Disponível em:
<<http://www.imdb.com/title/tt1077258/>>. Acesso em: 01 abr. 2015.

SCHAEFER, Eric. “**Bold! Daring! Shocking! True!**”: A History of Exploitation Films, 1919 – 1959. Estados Unidos da América: Duke University Press, 1999.

THE Last House on the Left. Direção de Wes Craven. Produção de Sean S. Cunningham e Katherine D'amato. New York: Lobster Enterprises; Sean S. Cunningham Films; The Night Co., 1972. (84 min.), son., color.

THE Last House on the Left. Direção de Dennis Iliadis. Produção de Wes Craven, Sean S. Cunningham e Marianne Maddalena. USA: Rogue Pictures; Scion Films; Crystal Lake Entertainment, 2009. (110 min.), son., color.